



PRÊMIO DECEx

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO EXÉRCITO
MINISTÉRIO DA DEFESA**

Artigo de Opinião

**A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
UMA ANÁLISE DA DIFUSÃO DE VALORES E DO CONHECIMENTO
POPULACIONAL NOS DIAS DE HOJE**

**2º Ten - Henrique De Godoy Bento
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)**

**CURITIBA
2023**

1 - INTRODUÇÃO

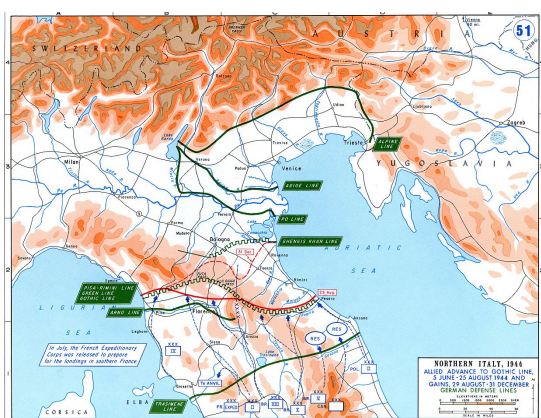
A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ficou compreendida como o último conflito em larga escala que contou com a participação do Brasil através do emprego de suas Forças Armadas. Apesar do conflito ter sido declarado em 1º Setembro de 1939, com a Invasão da Polônia por tropas Alemãs, o Brasil apenas rompeu sua posição de neutralidade em 22 de Agosto de 1942¹, através da declaração do Estado de Beligerância contra as *“Potências do Eixo Roma-Berlim-Tóquio”*, devido ao torpedeamento de 05 embarcações brasileiras pelo Submarino Alemão U-507 - o que resultou na morte de aproximadamente 600 brasileiros e em uma grande insatisfação por parte da população brasileira, a qual pressionava por uma resposta diplomática e bélica por parte do Chefe do Poder Executivo, o Presidente Getúlio Vargas.

Apesar da esperada declaração de guerra em Agosto de 1942, que resultou na passagem do Brasil para o Bloco dos Aliados, as tropas brasileiras apenas embarcaram rumo a Itália em Julho de 1944, após uma intensa preparação física, logística e doutrinária - concedida pelo Exército dos Estados Unidos - que visava um melhor aproveitamento da Força no Terreno. Dentre as muitas tarefas realizadas pelas Forças Armadas Brasileiras, destaca-se o papel da Força Expedicionária Brasileira, instituída pela Portaria Ministerial nº 47-44 em 09 de Agosto de 1943², através da mobilização de aproximadamente 25 mil militares para compor o efetivo do Bloco dos Aliados. O Teatro de Operações Terrestres (TOT) destinado a atuação da Força Expedicionária Brasileira era compreendido como a Linha Gótica: Uma faixa territorial que cobria uma extensão de 280 Quilômetros dentro do território italiano, partindo da região costeira do Mar Tirreno e estendendo-se até as áreas de Pesaro e Rimini, que compreendiam a faixa litorânea do Mar Adriático, sendo coordenada e defendida pela 148ª Divisão Alemã (Figura 01). A intenção do comando na destinação da FEB para combater nesta faixa territorial era, principalmente, desmantelar essa posição defensiva do inimigo, que era compreendida como peça fundamental alemã, sendo de extrema importância a sua ruptura para manutenção da impulsão no ataque por parte dos Aliados frente às posições do Eixo.

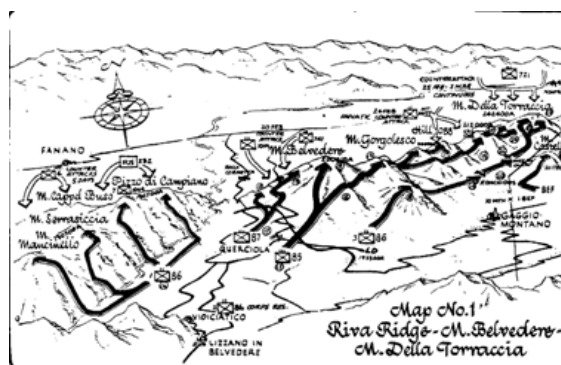
“Em agosto de 1942, sob o pretexto do afundamento de navios, o Brasil declarou guerra ao Eixo, episódio este que levaria à montagem da Campanha da Itália da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que enviou à Europa 25.334 soldados.” (GONDIM, Zaira Carla Alves. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a atuação da FEB. 2003. Pg.18)

A participação da FEB no contexto geral do conflito é vista de maneira muito bem sucedida e essencial para a conclusão da Guerra da maneira como conhecemos hoje, onde, sob as duras custas de quase 450 vidas, conquistamos o objetivo e demos prosseguimos das tropas aliadas rumo a vitória. Contudo, com narrativa adotada pelo sistema de ensino, que segue a BNCC³ - Base Nacional Comum Curricular, do Ministério da Educação, não há espaço na Matriz Tempo-Conteúdo para destacar, com a devida importância, o papel que a Força Expedicionária Brasileira protagonizou e sua real relevância no contexto da guerra.

Com base nesse cenário de desinteresse, consequências a longo prazo começam a ser vistas nos dias de hoje, no esboço de uma população que desconhece os feitos de seu país no maior conflito bélico da história recente. Visando proporcionar uma mudança de perspectiva nessa problemática, descreveremos o relevante papel do Legado Febiano dentro das Forças Armadas nos dias de hoje e porquê a referência aos Heróis, juntamente a seus atributos e valores, deveriam se difundir por entre a população geral.



(Figura 01 - Extensão e Estrutura da Linha Gótica - Defensiva Alemã. 1944)



(Figura 02 - Organização e Emprego da Infantaria frente às Posições defensivas da Linha Gótica)



(Figura 03 - Roteiro da Força Expedicionária Brasileira e sua campanha na Itália)

2 - DISCUSSÃO E ANÁLISE CRÍTICA DO ASSUNTO

2.1 - O LEGADO FEBIANO

Quando tratamos do legado deixado pela FEB no contexto geral do país, observamos que é comumente trazido e divulgado os aspectos impessoais do conflito, dedicados à esclarecer dados, elucidar manobras, informar sobre as condições da época, entre outros fatores determinantes para uma compreensão macro e objetiva da Guerra. Entretanto, este aspecto mais comumente divulgado, denominado como “Aspecto Histórico”, não é o único responsável por elucidar os muitos feitos dos “Pracinhas”, destacando-se também o “Aspecto Atitudinal”, muito utilizado dentro das Forças Armadas para louvar os heróis que se dispuseram em sacrificar a sua vida em prol da nação. Estes aspectos são os principais responsáveis por conduzir, para dentro e fora dos muros das Forças Armadas, o legado da Força Expedicionária para aqueles que não tiveram a possibilidade de vivenciar o conflito:

1- Aspecto Histórico: Utilizado para descrever as conquistas, focado em direcionar as vias gerais para sua realização, assim como suas consequências imediatas. Visa aprofundar-se na “Cronologia da Guerra” e em seus expoentes.

2- Aspecto Atitudinal: Principalmente utilizado dentro das Forças Armadas, visa descrever e direcionar aos demais militares, exemplos de personalidades do conflito, assim como condutas a serem seguidas e louvadas, observadas no decorrer do conflito.

“Como podemos compreender o que foi a Força Expedicionária Brasileira? Certamente pela perspectiva

institucional podemos inferir que a FEB fora um Corpo militar/civil, que teve como principal função a recuperação do solo italiano, diante da invasão das tropas inimigas do Eixo.” (OJEDA, CAROLINE MARTINS. Força expedicionária brasileira: memórias de guerra e formação de identidades. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis-SC**, v. 27. Pg. 2)

2.1.1 - A RELEVÂNCIA DO ASPECTO ATITUDINAL NA FORÇA

Ao longo do desenvolvimento da identidade do Exército e de suas ilustres figuras, pode-se observar que a figura do Patrono detém uma relevância destacada na formulação da identidade de uma Arma, Quadro ou Serviço, assim como do Exército em sua totalidade, a exemplo do Patrono do Exército Brasileiro: Luís Alves de Lima e Silva - o Duque de Caxias (1803-1880), expoente militar durante o Brasil Império (1822-1889), sendo protagonista nos principais conflitos daquele período: Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870); Campanha contra Oribe e Rosas (1851); Balaiada (1838-1841); entre outros. Os Valores inerentes a esta distinta figura, chamados hoje de aspectos atitudinais, são cultuados e constantemente lembrados em homenagens ao Patrono do Exército, mesmo após mais de 140 anos de seu Falecimento, a fim de iluminar o caminho e as condutas do militar que compõe seu Exército.

Contemporaneamente ao “Pacificador”, temos grande parte dos demais patronos das Armas do Exército Brasileiro: Brigadeiro Antônio de Sampaio (Infantaria), Marechal Manuel Luís Osório (Cavalaria), Marechal Emílio Mallet (Artilharia), entre diversos outros que também demonstraram atributos louváveis e até hoje cultuados pela força, mas que, principalmente, carregam através de sua identidade, a face de toda a fração de sua arma que diariamente os homenageia como Patrono.

A figura dos Patronos do Exército e dos os valores que elas carregaram, puderam ser observadas e comprovadas através do desempenho dos combatentes febianos durante a 2ª Guerra Mundial, ao passo que com enorme Abnegação, Destemor, Persistência, Espírito de Cumprimento de Missão e Coragem, combateram e tombaram a fim de conquistar Montese, Monte Castello e toda a Linha Gótica, da exata mesma maneira vista por aqueles Patronos que suas vidas dedicaram a Combater na Batalha de Riachuelo, Tuiuti e em toda a Guerra da Tríplice Aliança. São expoentes como o 2º Sgt Max Wolff Filho e o Brigadeiro Antônio de Sampaio, que demonstram - cada um alinhado ao seu cenário cronológico - que os atributos são os mesmo independente do período em que se enquadre, distinguindo-os dos demais pelo simples fato de apresentarem valores aos quais todos deveriam apresentar, fazendo jus a emblemática frase exposta por entre as casernas: “ *A palavra convence, o exemplo arrasta*”.

O Aspecto Atitudinal, em linhas gerais, aprofunda-se em um ponto crucial, necessário e não abordado pelo Aspecto Histórico, e que é visto como fundamental para entendermos o combate: trabalhado e desenvolvido em torno dos atributos que cada militar expressava durante as mesmas ofensivas em que o Aspecto Histórico fica responsável por retratar, mas trazendo, em contrapartida, especificidade e humanidade ao combate, visando introduzir ao militar que não esteve na Guerra, mas que compõe uma Força que detém, há ao menos duzentos anos, a mesma missão constitucional de Defender a Pátria e garantir a Soberania Nacional, e que precisa, tão qual os antigos e destacados expoentes citados acima, expressar tais atributos inerentes à função, a fim de bem exercer o seu papel na sociedade, conforme bem identificados pelos patronos do Exército e pelo “pracinhas” da FEB que colocaram sua vida em risco por um ideal maior.

2.1.2 - A DIFUSÃO DE VALORES

Tendo em vista o Desenvolvimento na Explicação da real e latente importância dos Atributos Atitudinais na construção da Memória Histórico-Militar e do desenvolvimento dos valores dentro da força, cabe introduzir, agora, a relevância na difusão desses valores, de sua importância e da nítida possibilidade de aplicação à toda a população brasileira.

Por entre os muitos atributos apresentados pelos Heróis do passado, assim como a história que os envolve, é facilmente perceptível que a sua aplicação estende-se para além dos muros da Caserna, sendo de extrema valia Cultural: Sob a perspectiva do valor agregado que uma população detém quando domina e entende sua história e, conseqüentemente, seu passado. Evitando assim a validação da afirmação do Filósofo Irlandês Edmund Burke:

“Um povo que não conhece sua História está fadado a repeti-la”.

Afirmação essa constantemente observada em Nações que fomentaram sentimentos Revanchistas por falsos pretextos, devido a um desconhecimento generalizado de sua história, acarretando assim em uma massa facilmente manipulável por agentes populistas e carismáticos - como pudemos observar em um passado não muito distante - a exemplos do Revanchismo Alemão pós 1ª Guerra Mundial, bem aproveitado por Adolf Hitler em seus discursos frente a população alemã.

Esclarecendo assim, a relevância de compreender os cenários que envolvem os ocorridos no Brasil Império, protagonizados por nossos Patronos, e no Brasil da metade do Séc. XX, protagonizado por nossos Expedicionários.

Assim como o valor Cultural carrega uma bagagem extensa que justifique a difusão de nossa história, o fator Profissional também é facilmente elucidado, tendo em vista que os Valores demonstrados em combates - situação de maior estresse e

dificuldade do ser humano - também são facilmente aplicáveis nas situações típicas de todo cidadão plenamente capaz, onde aquele que detém Força de Vontade, Persistência, Espírito de Cumprimento de Missão e Abnegação, difere-se frente aos demais profissionais no mercado de trabalho, demonstrando que fará o que for preciso para a obtenção de seu sucesso pessoal, profissional e, conseqüentemente, do ambiente em que se está inserido.

3 - CONCLUSÃO

3.1 O VALOR NA DIFUSÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA

Dentre os principais fatores geradores do desconhecimento dos feitos da Força Expedicionária Brasileira - e que são facilmente compreendidos quando nos comparamos com populações de países que acreditam no papel do “Desenvolvimento da Memória Histórico-Nacional” como agente fundamental para a construção do pensamento crítico, do civismo e do patriotismo.

A carência no Desenvolvimento da Memória Histórico-Nacional brasileira - como podemos observar através do nítido desconhecimento populacional sobre a sua própria história e seu desenvolvimento para atingir o status de Nação Soberana e Independente - é derivada do fato da população brasileira, não acreditar na capacidade do brasileiro, assim como de sua história, em ser referência suficiente para a concepção da memória de sua própria população. Atribuindo assim, como podemos observar na Base Nacional Comum Curricular, do Ministério da Educação, mais tempo para explicar os conflitos endêmicos de outras nações, do que da nossa própria história, fato este que esclarece a irrelevância dada pela população frente aos Heróis de Guerra do País, assim como aos conflitos em que lutaram, juntamente de suas causas e conseqüências para nação.

Através do desenvolvimento deste artigo, visamos esclarecer, de maneira concisa e objetiva, a riqueza de nossa população, da relevância de nossos expoentes históricos e da nossa história propriamente dita, ao passo em que sem esse conhecimento sobre nós mesmo, sem o desenvolvimento de nossa própria memória estamos fadados a sermos escravos do futuro que hoje nós plantamos,

pois: "Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado." (Emília Viotti da Costa).

A proposta em trazer a figura de militares combatentes como referência em liderança, tato, civismo, persistência, coragem, abnegação, iniciativa e espírito de cumprimento de missão, é gerar uma ligação e um sentimento de pertencimento que demonstre à população geral a riqueza e relevância de nosso país frente ao cenário mundial. Assim como demonstrar que há semelhança entre os atributos de um militar na guerra com os muito presentes e necessários hoje na vida cotidiana, visando, com isso, aproximar a população de seus heróis nacionais e cultivar um aprofundamento no interesse pela história de seu próprio país, combatendo assim a descrença do brasileiro nele mesmo.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

1. **Força Aérea Brasileira: Instituto Histórico Cultural da Aeronáutica - Museu Aeroespacial.** Brasil Declara Guerra em 22 de Agosto de 1942. Disponível em: >
2. **Exército Brasileiro: Agência Verde-Oliva.** 2018. Disponível em: >http://www.eb.mil.br/web/noticias/rss/-/journal_content/56/8032597/8748850?refererPliid=8035168&controlPanelCategory=current_site.content&utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter <
3. **Ministério da Educação. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.**
4. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - LEI 9.394/1996.**
5. **SILVA, Leticia Borges da.** Histórias de guerra: a participação da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. 2003. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.
6. **OJEDA, CAROLINE MARTINS.** Força expedicionária brasileira: memórias de guerra e formação de identidades. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis-SC, v. 27.
7. **OS MORTOS DA FEB. MINISTÉRIO DA GUERRA. SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA GUERRA -BOLETIM ESPECIAL DO EXÉRCITO, 1946**